

TRABALHADORES DEMITIDOS SEM DIREITOS NA KOCH METALÚRGICA

Trabalhadores(as) devem buscar auxílio jurídico nos plantões realizados na sede da entidade



O Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Cachoeirinha tem acompanhado com atenção a situação de muitos trabalhadores e trabalhadoras da metalúrgica Koch, que estão sendo demitidos sem a garantia de direitos. Os principais casos que chegam à entidade dão conta do não pagamento das verbas rescisórias após o fim do contrato de trabalho.

Segundo a assessoria jurídica do Sindicato, a empresa realizou acordo direto com alguns trabalhado-

res, feitos de forma irregular, e não cumpriu. Após o ajuizamento de ações trabalhistas, os acordos judiciais também não foram cumpridos pela metalúrgica. Além disso, existem atrasos no depósito do Fundo de Garantia (FGTS) dos trabalhadores e irregularidades na concessão de férias. Em 2018, a empresa também gerou casos de atraso nos salários.

O presidente do Sindicato, Marcos Muller, tem orientado os trabalhadores(as) a buscar auxílio jurídico nos plantões realizados na sede da entidade, todas às segundas e quartas-feiras, das 16h às 18h. “O Sindicato está, por meio do departamento jurídico, auxiliando os trabalhadores na busca destes direitos. E é importante trazer ao nosso conhecimento estes casos”, destacou.

**Manter e conquistar mais direitos depende de você,
seja sócio!**

Marcha das Margaridas se encerra com força e união de 100 mil mulheres trabalhadoras de diversas categorias



era tanta que não teve cansaço no mundo que fosse capaz de abalar a energia vibrante que a mobilizou para chegar até aqui. O evento trouxe como debate político uma plataforma que reforça a luta por direitos, como a **defesa dos serviços de saúde e educação públicas, o combate à violência contra a mulher, a preservação da Previdência social, entre outros**. Nesse sentido, **a marcha é também uma forma de compartilhar anseios comuns e reforçar o horizonte da luta popular**. A marcha, que ocorre a cada quatro anos, reúne, tradicionalmente, mulheres do campo, da floresta e das cidades. Nesta edição, o evento contou com um reforço especial das participantes da 1ª Marcha das Mulheres Indígenas.

Foi com brilho nos olhos que a agricultora Maria Anecy Martins, de 45 anos, chegou a Brasília (DF) na primeira quinzena de agosto para participar da Marcha das Margaridas 2019. A mobilização reuniu mais de 100 mil mulheres da classe trabalhadora e foi encerrada no dia 14 de agosto, com um grande ato que tomou as ruas da capital. Vinda do interior do Maranhão, Anecy viajou durante mais de dois dias, enfrentou problemas na estrada e o cansaço físico para participar do evento, que é um símbolo da luta popular no Brasil.

Depois de décadas de trabalho na roça e na militância política, esta foi a primeira vez que a agricultora tem a oportunidade de conhecer a marcha. A ansiedade para chegar



Metalúrgicas presente na Marcha das Margaridas

Metalúrgica fundada há 52 anos encerra atividades na Região Metropolitana



Metalúrgica de Alvorada, a Conexões Merkantil encerrou as atividades no dia 30. Criada em 1967, a empresa estava com cerca de 70 funcionários que foram demitidos, segundo o Sindicato dos Metalúrgicos da Grande Porto Alegre. Presidente da entidade, João Batista Massena conta que a indústria estava com dificuldades financeiras há alguns anos e que chegou a ter mais de 200 funcionários. Os salários foram quitados, mas não há perspectiva de pagamento das verbas rescisórias. A empresa produzia componentes hidráulicos e pneumáticos. A coluna Acerto de Contas tenta contato com a direção, mas os telefones informados no site não são atendidos.

Outras metalúrgicas

Recentemente, a coluna informou sobre o fechamento da Bringhenti Indústria Metalúrgica, em Guaíba, também na região metropolitana de Porto Alegre. A empresa foi fundada há 41 anos. No final de agosto, também foram noticiadas as dificuldades financeiras da Koch Metalúrgica, em Cachoeirinha. Com mais de 90 anos, a empresa foi comprada e, há poucos meses, havia até mesmo anunciado expansão dos negócios.

Fonte: Gaúcha ZH

Reforma da Previdência será mais dura conforme a profissão

Reforma ainda precisa ser votada em dois turnos no Senado



A reforma da Previdência aprovada pela Câmara vai valer para todas as categorias de trabalhadores do setor privado, além de atingir o funcionalismo público federal, mas terá consequências diferentes para atividades profissionais específicas.

Bancários, administradores e quaisquer profissionais que não possuem regras especiais terão aposentadorias com idade mínima de 62 anos, para mulheres, e de 65 anos, para homens.

As exceções serão os trabalhadores mais próximos de se aposentar pelas normas atuais e que, por isso, terão acesso às regras de transição para

abreviar a espera pelo benefício do INSS.

Destacam-se dentro desse grupo setores em que houve maior adesão às jornadas intermitentes (com contrato por dia ou por hora) criadas pela reforma trabalhista de 2017. Esse é o caso dos comerciários.

A nova Previdência prevê que o trabalhador que receber menos do que o salário mínimo em um mês precisará completar suas contribuições ou retirar o excedente de outros meses para ter a competência contada na aposentadoria.

A medida poderá reduzir a média salarial do intermitente que trabalhou pouco no mês ou dificultar e até impedir a obtenção da carência para a aposentadoria.

Profissionais que hoje exercem atividades em que há risco à saúde ou à vida estarão entre os mais atingidos pelas mudanças, como industriários expostos ao ruído e produtos químicos, ou trabalhadores da saúde que atuam na presença de agentes biológicos.

Além de passarem a ter idade mínima na aposentadoria, alguns correm risco de sair da regra especial, segundo a advogada Adriane Bramante. “O texto exige exposição efetiva ao agente nocivo e abre brecha para a contestação da aposentadoria especial de quem usa EPI [Equipamento de Proteção Individual]”, diz.

PATRÃO GANHA PEÃO PERDE

Das 15 maiores companhias gaúchas com ações na bolsa, 13 tiveram lucro no primeiro semestre

Se 2018 foi de retomada para as maiores empresas do Rio Grande do Sul de capital aberto, por faturamento, marcando a melhora significativa dos números estampados nos balanços, 2019 está sendo de consolidação das finanças no azul. Entre janeiro e junho deste ano, 13 das 15 principais gaúchas listadas na B3, a bolsa de valores de São Paulo, arrecadaram mais do que gastaram.

O conjunto das companhias teve lucro de R\$ 2,35 bilhões, alta de 3,8% frente a igual período do ano passado. Por outro lado, a receita líquida do grupo apresentou queda de 1,8%, atingindo R\$ 41 bilhões e indicando que ***os ganhos vêm sendo puxados, principalmente, pela redução dos custos operacionais.***

— Os gestores estão preocupados em melhorar a margem de eficiência, buscando gastar menos para ter melhores resultados. É a lição da crise pela qual o Brasil estava e ainda está passando. A economia estagnada faz com que as empresas olhem com mais atenção a rubrica dos custos — destaca Alexandre Wolwacz, sócio do Grupo L&S.

Na relação de empresas avaliadas, quatro tiveram crescimento do lucro em ritmo superior ao da receita e outras duas conseguiram reverter prejuízos. As que mais aumentaram o resultado líquido são as caxienses Marcopolo, com expansão de 117,3%, e Randon, com alta de 56,4% em relação ao semestre inicial de 2018, ambas voltando ao patamar de anos pré-crise. O movimento foi acompanhado pelo Grupo Dimed, dono da rede de farmácias Pânico, que teve alta de 14% no desempenho final. O Banrisul, mesmo com queda de 2,9% no faturamento, lucr ou 29,5% a mais.

